

GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO ENUNCIADO “LATA D’ÁGUA NA CABEÇA, LA VOU, MARIA”¹

Déborah de Brito Pereira (UFPA)²

Márcia Cristina Greco Ohuschi (UFPA)³

RESUMO:

À Luz da Linguística Aplicada (LA), esta pesquisa se constitui em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e busca desenvolver um estudo teórico-analítico, de cunho qualitativo-interpretativo, sobre as axiologias sociais, em um enunciado do gênero memórias literárias, e suas refrações identitárias, sociais e culturais. Tem como objetivo geral refletir sobre os conceitos axiológicos de extraverbal, entonação e juízo de valor mobilizados em um enunciado do gênero discursivo memórias literárias. Nesse viés, o estudo apoia-se na concepção dialógica de linguagem e língua e sua abordagem sociológica, valorativa, cultural e ideológica, a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2017[1929]; 2019 [1926]; Bakhtin, 2016[1979]). A investigação parte dos seguintes percursos metodológicos: 1. seleção do gênero e do enunciado a ser trabalhado; 2. análise dialógica, a contemplar a sua dimensão social e verbal. Desse modo, selecionamos o enunciado intitulado “Lata d’água na cabeça, lá vou, Maria”, de Evellyn Isabelle Lima Vale, aluna finalista da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa de 2019. Os resultados obtidos decorreram da análise que abrange as dimensões social e verbal do gênero e seus elementos constituintes, como: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Assim, consideramos os aspectos enunciativo-discursivos e linguísticos do enunciado, os quais suscitam reflexões acerca de problemáticas sociais, como: exploração do trabalho infantil, rejeição, solidão, a resiliência humana e a superação. Com isso, a imersão nos aspectos valorativos da linguagem e as relações dialógicas com o já-dito “*Lata D’água*”, de Jota Junior e Luis Antônio, possibilitaram a percepção do *colorido expressivo* sob as expressões mobilizadas pela enunciadora que emergem sua intenção e motivação discursiva, a fim de estabelecer uma interação com seu interlocutor. Logo, constatamos que os elementos axiológicos extraverbais, entonativos e juízos de valor, presentes no texto-enunciado conceberam efeitos de sentidos e valorações significativas para a compreensão do enunciado analisado.

Palavras-chave: Gênero discursivo memórias literárias. Dialogismo. Axiologias sociais.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Licenciado em Letras (habilitação em Língua Portuguesa) apresentado à Faculdade de Letras do Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará.

² Graduanda do Curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – da Universidade Federal do Pará – Campus de Castanhal. E-mail: deborah.pereira@castanhal.ufpa.br

³ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Docente da Graduação e Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Pará. E-mail: marciagreco@ufpa.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde a infância até a vida adulta, os conhecimentos e saberes adquiridos por meio da comunicação discursiva moldam a interação do ser humano com o meio em que vive, influenciando suas ações nesse lugar. Essa interação deixa marcas, que se transformam em registros e memórias, as quais, em sua maioria, afetam tanto diretamente, quanto indiretamente a sua formação social, histórica, ideológica e cultural. A riqueza desse processo é fundamental para a constituição integral do indivíduo.

Nesse percurso natural, as memórias desempenham um papel fundamental para a formação do sujeito. Por meio dela, ocorrem as atribuições de significados ao que o constitui como pessoa, fazendo-o refletir sobre o seu lugar na sociedade, como também na construção de sua identidade, enquanto ser social e cultural. Essa reflexão o permite refratar o passado com o presente e até mesmo com o futuro, utilizando a linguagem como o meio pelo qual manifesta seus pensamentos, posicionamentos, suas percepções e vivências.

Assim, entendemos a relevância não só das memórias para a construção identitária pessoal e social, mas também da linguagem nesse processo, pois é por seu intermédio que as comunicações discursivas e as interações entre os sujeitos são mobilizadas. Com isso, percebemos que tanto a produção discursiva, quanto a escuta e a reprodução desses discursos são pilares que estabelecem o sentido de viver em sociedade. Nesse contexto, esta pesquisa ancora-se na seguinte pergunta: Como os conceitos axiológicos se manifestam em um enunciado do gênero memórias literárias, de forma a compartilhar valores sociais e culturais de um cronotopo específico? Desse modo, delimitamos, como temática da pesquisa, um estudo teórico-analítico sobre as axiologias sociais, em um enunciado do gênero memórias literárias, e suas refrações identitárias, sociais e culturais.

Como justificativa para a realização deste estudo, ressaltamos o fato de que as investigações sobre os aspectos axiológicos em perspectiva dialógica de linguagem são recentes (a partir de 2016). Além disso, como postula Acosta Pereira (2014), é relevante a análise de um enunciado preceder à sua elaboração didática, tendo em vista que, para que um sujeito atue sobre ele de forma responsiva, é necessário que esteja situado e consciente de seu contexto de produção e de como o discurso se organiza em prol de

seu projeto de dizer, para que, assim, mobilize sua resposta responsiva diante da enunciação. Desta feita, no presente artigo, apresentamos uma análise do enunciado selecionado, com base na concepção dialógica. Ressaltamos que, em momento posterior, no âmbito dos Projetos de Pesquisa a que este trabalho está vinculado, realizaremos a elaboração de uma sequência de atividades de leitura em perspectiva dialógica, a partir da análise aqui discutida, e a implementação da proposta didática em sala de aula.

Desse modo, a análise sob a perspectiva dialógica traz uma abordagem que se mostra fundamental para compreender tanto as produções de sentidos e valores que permeiam um enunciado, considerando sua dimensão social e verbo-visual (Acosta Pereira, 2014), quanto as implicações discursivas que envolvem as memórias literárias. Para tanto, temos em vista que a linguagem utilizada nesse gênero discursivo vai muito além de uma mera transmissão de informações, mas reflete a subjetividade, a leitura de mundo e as relações socioculturais que são produzidas a partir do ato de refletir e refratar mobilizadas por seu autor-criador.

É válido destacar que a escolha ao enunciado do gênero memórias literárias parte de uma experiência subjetiva com as narrativas orais, que nasceu em decorrência de uma infância marcada pela presença desses narradores que, cotidianamente, reafirmavam sua identidade, memórias, saberes oralmente compartilhados, por meio dessa ação de lembrar fatos e histórias do passado.

Definimos, como objetivo geral da pesquisa, refletir sobre os conceitos axiológicos de extraverbal, entonação e juízo de valor mobilizados em um enunciado do gênero discursivo memórias literárias. Como objetivos específicos, propomo-nos a: a) evidenciar os aspectos extraverbais do enunciado e sua relação com o cronotopo resgatado por meio das memórias registradas; b) caracterizar os julgamentos de valor manifestados no enunciado, a partir do posicionamento social e ideológico do autor-criador e do grupo social ao qual pertence; c) verificar a entonação valorativa definida pelo autor-criador, para evidenciar o “colorido expressivo” no enunciado.

A pesquisa está fundamentada na concepção dialógica de língua e linguagem e sua abordagem sociológica, valorativa, cultural e ideológica, a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2019 [1926]; Volóchinov, 2017 [1929]; Bakhtin, 2016

[1979]) e demais estudiosos que vislumbram estes estudos, como Acosta Pereira (2014); Sobral e Giacomelli (2016); Lira (2016); Menegassi e Ohuschi (2023); Marcuschi (2012); Ohuschi (2019); Moura e Miotello (2016); Menegassi e Cavalcanti (2020) e dentre outros.

A investigação se alinha à Linguística Aplicada e caracteriza-se como qualitativo-interpretativa. Nesse viés, o percurso metodológico inicia-se com a seleção do enunciado intitulado “Lata d’água na cabeça, lá vou, Maria”, de Evellyn Isabelle Lima Vale, aluna finalista da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa de 2019, como *corpus* da pesquisa, o qual propicia discussões acerca das problemáticas sociais abordadas nas memórias resgatadas, como a exploração do trabalho infantil, a rejeição, a solidão e, ao final, a superação. Em seguida, desenvolvemos uma análise do enunciado, em perspectiva dialógica, considerando duas dimensões, conforme Acosta Pereira (2014)⁴: a) dimensão social – em que analisamos o contexto de produção, circulação e recepção do enunciado; b) dimensão verbal – em que analisamos os aspectos enunciativo-discursivos e linguísticos do enunciado.

Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa “Dialogismo e ensino de línguas” (UFPA/CNPq) e aos Projetos de Pesquisa: “O dialogismo e as práticas de linguagem no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa” (UFPA) e “Dialogismo e práticas de linguagem no ensino de línguas” (CNPq-Universal). O artigo apresenta-se organizado por três seções. Na primeira, apresentamos uma breve discussão teórica sobre dialogismo, gêneros do discurso e gênero memórias literárias. Na segunda, caracterizamos a pesquisa metodologicamente e, na terceira, mobilizamos a análise, em perspectiva dialógica do enunciado selecionado.

2 DO DIALOGISMO AO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS⁵

Nesta seção, refletimos sobre aspectos teóricos que embasam este trabalho. Desse modo, partimos inicialmente das reflexões acerca de conceitos do dialogismo, proposto pelo Círculo de Bakhtin, (Volóchinov, 2019 [1926]; Volóchinov, 2017 [1929];

⁴ Ressaltamos que Acosta Pereira (2014) apresenta a dimensão social e a dimensão verbo-visual, ao considerar gêneros multimodais, porém, delimitamos apenas à dimensão verbal, uma vez que o enunciado em estudo não tem caráter multimodal.

⁵ O título faz uma paráfrase ao livro “Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin”, autoria de Adail Sobral, publicado em 2009 pela Editora Mercado de Letras.

Bakhtin, 2016 [1979]). Posteriormente, discutimos sobre os gêneros discursivos e, de forma mais específica, sobre o gênero memórias literárias. Além das postulações do Círculo, também consideramos as contribuições de estudiosos e pesquisadores contemporâneos.

2.1 DIALOGISMO E ENSINO

A concepção dialógica, segundo o Círculo de Bakhtin (2017 [1929]), propicia discussões significativas sobre o conceito de língua e linguagem. Essa perspectiva se contrapõe à visão limitada da linguagem, restrita a uma cultura grafocêntrica, cognitivista e puramente estruturalista. A perspectiva da qual descreve Volóchinov (2017 [1929]) se contrapõe ao “objetivismo abstrato” e ao “subjetivismo individualista”, pois suas contribuições suscitam o entendimento de linguagem como um elemento essencial para as interações discursivas sociais, isso implica compreendê-la como um fenômeno intersubjetivo, o qual também é nomeado de intercâmbio social concreto (Sobral; Giacomelli, 2016).

Alinhada a esta concepção, Sobral; Giacomelli (2016) também refletem aquilo que para o dialogismo é primordial:

A linguagem é considerada, portanto, um espaço de fundação e manifestação de sentidos social, histórica e ideologicamente marcados, cuja compreensão é necessária ao adequado entendimento do modo como a sociedade se constitui simbolicamente (Sobral; Giacomelli, 2016, p.144).

Além disso, entendemos o dialogismo como um fator basilar para a vida coletiva, em decorrência de seu princípio formador de pensadores e participantes ativos e reativos nas variadas conjunturas que abrangem essas vivências, em que os discursos se materializam. Para Volochinov (2017 [1929]), o processo de formação da língua é ininterrupto, pois sua realização acontece a partir da interação discursiva dos falantes.

Esse diálogo se constitui como pilar para a compreensão do outro e de si mesmo, e do próprio uso da língua para a comunicação entre sujeitos (Volochinov, 2017 [1929]). Como afirmam Cunha e Ohuschi (2022, p. 38), “todo social influencia na compreensão e, conseqüentemente, na valoração atribuída pelo interlocutor ao ter contato com o enunciado”. Em outras palavras, o sujeito se constrói a partir do discurso do outro, na

mesma proporção em que atribui valores ao que é dito, por meio das respostas que são geradas. O dizer, nesta concepção, é um ato responsivo e carregado de valores, os quais fazem parte da formação sócio-histórico e ideológica de seus interactantes.

Nesse sentido, segundo Volóchinov (2019 [1926], p. 117), “a palavra na vida não é autossuficiente”, logo, entendemos que as atribuições de sentido e valores que permeiam um enunciado ligam-se sobretudo à situação imediata em que se realizam. Bakhtin (2016 [1979], p.54) descreve como sendo seu nascimento no ponto de contato “com a realidade concreta e nas condições de uma situação real”. Em vista disso, considera-se evidente o quanto a palavra depende de sua inserção social para atribuir sentido real ao que se expressa nesse processo de construção semântico-ideológico do enunciado.

Com isso, torna-se indispensável a reflexão sobre os três elementos que constituem essa composição valorativa proposta pelo Círculo, que são as axiologias sociais: juízo de valor, entonação e o contexto extraverbal, fundamentais para a compreensão integral da enunciação, ou seja, as partes verbalizadas e as partes subentendidas da interação (Volochinov, 2019 [1926]). Todo esse arcabouço situa-se na compreensão responsiva que refletem nas produções discursivas dos participantes, da mesma forma em que se almeja o entendimento do que é dito.

Esses elementos imbricados nas axiologias sociais ultrapassam os aspectos verbais ou linguísticos do enunciado. Dentre eles, consideramos discorrer inicialmente acerca do contexto extraverbal, o qual é composto por três aspectos: “1) *o horizonte espacial comum dos falantes [...] 2) o conhecimento e a compreensão da situação comum [...] 3) avaliação comum dessa situação*” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 119 grifos do autor), sem o conhecido por ambos que baseiam esses elementos, a interação discursiva não se concretiza, pois é necessário que os participantes do discurso estejam alinhados para que possam produzir e inferir suas contribuições significativas sobre o enunciado. Como afirmam Menegassi e Cavalcanti (2013, p. 435),

e o conhecimento da situação comum que vai garantir aos interlocutores a interação discursiva em seus contextos verbais e extraverbais. Essa situação, por sua vez, tem um mínimo de acabamento entre os interactantes, para que possa haver a compreensão no jogo da linguagem, caso contrário, não se estabelece e, conseqüentemente, não há um processo enunciativo condizente.

Nessa perspectiva dialética de linguagem que emerge no encontro de sujeitos socio-historicamente situados, Volochinov (2019 [1926]; 2017 [1929]) e Bakhtin (2016 [1979]) apontam as avaliações atribuídas ao que é dito pelos participantes do discurso no ambiente da interação discursiva, como juízo de valor. Isto é, carregadas de ideologias, cada ação, resposta e posicionamentos refletem a formação ideológica, sócio-histórica e cultural desse sujeito, pertencente a um determinado grupo social, a um cronotopo, de uma época, que se manifesta por meio da palavra expressa. Essa composição identitária influencia diretamente seus pensamentos e suas relações, pois faz parte de sua “personalidade interior” (Volochinov, 2017 [1929], p.311; Bakhtin, 2016 [1979]).

Esse viés ideológico, o qual sustenta os julgamentos inferidos sobre os enunciados, também está entrelaçado ao aspecto axiológico que determina o tom avaliativo do posicionamento dos interlocutores. Para Volóchinov (2019 [1926]) e Bakhtin (2016 [1979]), a chamada entonação é um elemento social que molda responsivamente a projeção enunciativa, a maneira como a resposta se exterioriza por seus falantes. Essa projeção pode “modificar um único enunciado, dando vários significados” (Menegassi; Cavalcanti, 2020, p. 108). Isso ocorre por se posicionar no limite entre o verbal e o extraverbal como postula Volochinov (2019, [1926]). Assim,

podemos afirmar, portanto, que o enunciado jamais é proferido sem uma posição axiológica, ou seja, sem uma valoração, pois está sempre no campo da dialogicidade e, como é apoiado no outro, obtém “respostas” de seus interlocutores, sejam elas positivas ou negativas – de concordância ou discordância (Cunha; Ohuschi, 2022, p. 38).

Ao entendermos a língua como um fator social e cultural (Volóchinov, 2017 [1929], p. 204), percebemos que se trata de algo que parte do exterior “o centro organizador e formador” para o interior, de forma espontânea e que se expressa nos campos de atividade humana. Do mesmo modo, em que nos constituímos a partir das relações, as quais influenciam as evoluções e transformações que ocorrem no decorrer de toda a vida. Por isso, a necessidade de ensinar a língua no âmbito escolar com base em uma concepção que amplia aquilo que o sujeito aluno já tem em si e o auxilia na leitura de

mundo possibilitando a expansão de sua consciência socioideológica (Menegassi; Polato, 2017).

É relevante destacar que não se trata de uma formação unilateral, mas de uma construção conjunta, a qual não pode estar desassociada de sua realização que ocorre por meio das relações sociais cotidianas, da palavra e da contra palavra (Geraldi, 2010). Nesse contexto, o papel valorativo desempenhado na formação crítica do sujeito é enfatizado, conforme afirma Bakhtin (2006 [1929]),

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua (Bakhtin, 2006 [1929], p.117).

Essa mudança em direção a um ensino reflexivo e valorativo da língua portuguesa não se restringe ao aspecto decorativo e superficial. Pelo contrário, como afirma Sobral (2018, p. 309), “Falar, enunciar, é, desse modo, um ato que cria uma ligação entre o sistema linguístico e o sistema concreto de relações sociais, que chegam à nossa consciência por meio dos enunciados, dos discursos.” Por isso, quando analisamos o enunciado sem considerar sua dimensão social, o fazemos de maneira incompleta e descontextualizada, o que afeta diretamente a sua compreensão e avaliação integral.

É nesse processo de formação contextualizada que emerge a constituição de um sujeito valorado, consciente de seu posicionamento e de suas respostas ativas e responsivas. Como nos mostra Volóchinov (2013), a enunciação está no exterior, ligada intimamente ao ambiente social que a envolve, desempenhando um papel essencial na construção da lógica da consciência sociologicamente definida. Afinal, essa consciência também se constitui como um fator social e ideológico (Volochinov, 2017 [1929]), revelando sobretudo sua natureza complexa e multifacetada.

Embora a concepção dialógica de linguagem, fundamentada no Círculo de Bakhtin, esteja teoricamente influente nos documentos oficiais e nos livros didáticos como princípios norteadores de ensino de língua descrita como concepção enunciativo-discursiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) afirmam que “a avaliação não é, portanto, unilateral ou monológica, mas dialógica” (Brasil, 1998, p. 94). Da mesma forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca em relação às competências

específicas de ensino de língua materna, os seguintes aspectos propostos pelo documento:

compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. [...]Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social (Brasil, 2017, p. 87).

Vale ressaltar que essa perspectiva dialógica também se estende aos eixos de leitura, em que a BNCC a compreende como práticas de linguagem que decorre “da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador” (Brasil, 2017, p. 69). Do mesmo modo se aplica à produção de textos, à análise linguística e à oralidade. Entretanto, essa concepção emancipatória de ensino reflexivo ainda enfrenta desafios pertinentes à sua efetiva implementação no âmbito escolar.

Por isso, a necessidade em se repensar as práticas de ensino tradicional e estruturalista, em que o aluno é apenas um receptor passivo, com foco nas estruturas textuais e em materiais didáticos que apenas simulam a discursividade, desconsiderando as várias etapas dialógicas de linguagem.

Diante disso, percebemos a necessidade em se repensar o ensino de língua atualmente. Em muitos casos, a escola esquece de tratar da educação como um fazer social, e por isso comete o equívoco de considerá-lo como algo superficialmente didático e instrutivo. Com isso, tendem a encarar os estudos da língua considerando a palavra apartada de seu contexto extraverbal, dos elementos implícitos no texto-enunciado (Menegassi *et al.*, 2020), os quais são cruciais para a compreensão que precede a posição axiológica do sujeito-aluno.

Fundamentados em uma leitura crítica e responsiva da realidade, os enunciados mobilizados e refletidos nesse contexto devem se fundar, sobretudo, nesse encontro de vozes emergentes da relação entre escola e sociedade. Entretanto, parte sobretudo do docente conduzir o sujeito-aluno a refletir e refratar suas escolhas na produção discursiva, a fim de que este esteja ciente sobre o “o que muda quando escolho esta ou aquela palavra, esta construção sintática em lugar de outra” (Bakhtin, 2013, p.14).

Dessa forma, todo esse arcabouço teórico e reflexivo sobre o dialogismo intercalando-o às práticas de ensino de linguagem atualmente, respaldam-se ao anseio de se elucidar no âmbito escolar e social os aspectos valorativos da linguagem, que se encontram nesse lugar de posição axiológica de um sujeito ao se entender como protagonista de seus discursos.

Como situa Bakhtin (2013, p.17), em sua obra “Questões de estilística no ensino de língua”, uma formação articulada na construção de conhecimento decorrente da interação entre professor- aluno de forma ética, tanto no ambiente, como fora dele, que coloca em movimento os “aspectos constitutivos da relação sujeito/linguagem, comunicação/expressividade, leitura/produção/autoria”, conseqüentemente resultará em cidadãos conscientes, éticos e agentes transformadores.

Por conseguinte, o próximo subtópico volta-se para o gênero discursivo, tece reflexões conceituais sobre seus elementos e conceito e, sobretudo, acerca de seu papel fundamental para a formação social do sujeito-aluno no ambiente escolar e na vida.

2.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Os gêneros discursivos estão intrinsecamente ligados à concepção dialógica. Sua essência abrange o sentido de língua e linguagem como fenômenos sociais. Considerando que o discurso permeia todos os âmbitos e contextos da sociedade, em formas de enunciados, sejam orais ou escritos, de maneira única e concreta (BAKHTIN, 2016 [1979]). Assim, intuitivamente notamos que a própria designação de “gêneros discursivos” gera uma aproximação entre os interlocutores e o discurso vivo, que acontece cotidianamente nas esferas da atividade humana.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2016 [1979], p. 60) ainda discorre que sendo este um “elo na cadeia da comunicação verbal”, o constitui como um gênero que mobiliza a palavra, de maneira contextualizada, como também ressalta sua natureza interativa e sua relação valorada com objeto do discurso, os quais perpassam por seu elemento expressivo (Bakhtin, 2016 [1979]).

De acordo com Bakhtin (2016 [1979]), isso nos dá base para refletirmos sobre o que seriam as condições que sustentam a constituição do enunciado, considerando que são definidos pelo contexto. Para isso, o autor descreve como sendo três elementos

constitutivos: 1) conteúdo temático, o qual fundamenta-se sobre o objeto da fala, relacionado ao contexto da interação social, como um ato concreto e significativo; 2) o estilo, como está sendo repassada a informação, os recursos linguísticos selecionados pelo autor, e; 3) construção composicional, que está ligado à organização estrutural do gênero, sendo essencialmente inseparável dos outros elementos citados.

A convicção de que os gêneros discursivos na perspectiva do Círculo são “*tipos relativamente estáveis de enunciado*” (Bakhtin, 2016 [1979], p.12, grifos do autor), tangem-se à sua natureza dinâmica e mutável, tendo em vista a necessidade de se adaptarem aos contextos de utilização da língua pelos quais perpassam. Como destaca o autor, apesar de terem sua individualidade, cada campo da comunicação é determinado pela especificidade, ou seja, passam por um processo de cristalização que dialoga com o contexto em que estão inseridos.

Segundo Brait e Pistori (2012, p. 375), “o conceito de gênero não se limita a estruturas ou textos, embora os considere como dimensões constituintes. Implica, essencialmente, dialogismo e maneira de entender e enfrentar a vida”. Por isso a importância de se compreender que o todo do enunciado deve ser considerado como elementos carregados de valores e sentidos, das relações dialógicas que se coadunam à existência humana.

Ligados ao campo de atuação da língua (social) e às múltiplas vozes existentes, Bakhtin (2016 [1979]) reflete sobre um dos aspectos principais do gênero discursivo; a heterogeneidade, que se refere à infinita diversidade dos gêneros discursivos. Por serem concebidos e circularem em diferentes esferas sociais, esse aspecto melhor dimensiona à capacidade de se elaborar repertórios que acompanhem o desenvolvimento e complexidade dos campos de atividade humana.

Ao compreendermos esse conceito-chave sobre o gênero discursivo, partimos para o entendimento de sua classificação. Segundo o autor, gêneros discursivos se diferenciam entre primários e secundários. Os gêneros primários (simples e cotidiano) são mobilizados diariamente na sociedade, tendo em vista que toda e qualquer interação com outros indivíduos constituem em um enunciado concreto e imediato. Os gêneros secundários (complexos e formais) são aqueles que passam por um refinamento

linguístico e estilístico, concebidos a partir do discurso cotidiano (Bakhtin 2016 [1979]). Toda essa retomada é importante para melhor compreensão da natureza do enunciado.

Como “efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (Bakhtin, 2016 [1979], p.11). Assim, compreendemos sua relevância para construção de sentido e de valores na formação leitora dos sujeitos os quais não assumem um papel passivo, mas que para além da materialidade de suas respostas, em atividades e provas, refletirá em suas vivências, como também sua postura frente às diversas realidades que o envolvem. Conforme refletem De Paula e Castro (2020, p.21-22),

trabalhar o gênero demanda pensar em todo esse processo histórico e revela a construção das identidades por meio da relação (enunciativa e entre sujeitos) com outros (alteridades), nem sempre do mesmo grupo ou de axiologias semelhantes. A heterogeneidade é salutar para a constituição dos sujeitos e da sociedade. Tratar a língua e as linguagens como discurso e entendê-lo como arena é essencial para o convívio com as diferenças. Assim, estudar os gêneros em sua variedade discursivo dialógica significa exercer, na escola, a cidadania como formação integral, função primeira da educação, que instaura a unidade dialógica como uma outra maneira de pensar o fazer (o método) de ensino-aprendizagem: a heterociência do ato como aula.

Por isso, é essencial que o docente também exercite a autorreflexão sobre suas práticas educacionais no ensino de língua materna. Como sinaliza Faraco (2017, p. 52), “Ser responsabilmente participante é realizar sua singularidade não para si, mas na relação com o outro”. Quando o sujeito não compreende seu lugar como protagonista em seus discursos, retarda também sua participação crítica e ativa na sociedade, mesmo porque a leitura da letra não se compara à palavra na vida, seu poder está para além de linhas retas, mas expande-se a um horizonte de possibilidades e perspectivas.

Isso acontece porque entende-se que tudo que está na sociedade sofre constantes mutações, refrações, reflexões e transformações, por sujeitos sócio-históricos e ideologicamente formados. Logo, para uma concepção que enxerga o discurso como algo vivo, torna-se inevitável a formação de sujeitos refratados, já que, em virtude de seus aspectos dialéticos, as relações sociais que se formam nesse processo advêm de perspectivas moldadas, com base em leituras e apreciações valorativas e ideológicas sob aquilo que é gerado nos discursos imediatos.

Neste sentido, Pistori (2012, p. 269) postula que “o discurso é compreendido em sua integridade concreta e viva, situado espacial e temporalmente, com um autor e um destinatário; seu sentido é dado na interação do verbal com o extraverbal”. Por isso, torna-se indispensável a reflexão de que, da mesma forma, a linguagem está sujeita a acompanhar estes processos, realizados pelos indivíduos que a mobilizam. Afinal, como expõem Menegassi *et al.* (2020),

a linguagem é dialógica porque é social e historicamente constituída nas relações entre homens, sempre tensas, valoradas, multifacetadas, nas relações em razão da refração e do reflexo de valores em diferentes meios, como a consciência ou o próprio meio social diverso (Menegassi *et al.*, 2020, p. 189).

Segundo Ohuschi, (2022, p. 35) “todo enunciado tem uma intenção comunicativa e todo dizer é valorado, possui intenções por trás dos discursos”. Por mais “involuntário” que parece ser, houve um pensamento e uma intenção em se posicionar em relação ao outro, o que ocorre por meio da palavra, considerando sua essência ideológica (Volóchinov, 2017 [1929]). Por isso, as escolhas léxicas, o contexto social, a postura, a entonação com a qual verbalizamos, a palavra, os gestos e até mesmo o silêncio, são elementos que fazem do enunciado concreto, ímpar.

Do mesmo modo, autores como Sobral (2009) e Lira (2016) ressaltam essa unicidade da interação enunciativa, mas não negam a eventualidade de “intercâmbios verbais” semelhantes, todavia nenhum se constitui igual ao outro, da mesma forma que não existe um enunciado acabado, neutro ou monológico, para a concepção dialógica de linguagem (Volóchinov, 2017 [1929]). Isso ocorre porque as ações que os interactantes inferem durante o discurso são responsivas e intencionais, ou seja, assumem uma posição social ativa (Menegassi; Cavalcanti, 2013) passam uma mensagem carregada de ideologia e significação.

A postura do sujeito diante do uso da palavra, sendo esta o signo por excelência, o qual estabelece “uma ponte entre dois ou mais seres humanos, organizados em um grupo social” (Moura; Miotello, 2016, p. 130), aciona valores que provocam no outro uma resposta. Esses valores são próprios do ser humano sócio-historicamente formado e de sua participação ativa no meio social, “mesmo as que se dão nos processos educativos, é que vão constituindo o novo ser” (Moura; Miotello, p.130).

Diante disso, esses aspectos fundamentais da concepção discursiva – dialógica, carregados de valores, ideologias e significados, não se restringem a estruturas vazias, mas são relevantes para a veiculação de sentidos. Essa composição enriquece e expande o conceito de linguagem para além de sua dimensão verbal, mas sobretudo valida sua dimensão social, que na maioria das vezes é negligenciada.

Na sequência, o subtópico abordará sobre os conceitos e implicações pertinentes a este trabalho sobre o gênero discursivo selecionado para a realização da pesquisa.

2.3 GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

A existência humana constitui-se em um processo dialético contínuo entre passado e presente, os quais estabelecem bases sólidas para as projeções futuras. As interações dialógicas entre o antigo e o novo, raízes e tradições, como também as refrações e reflexões que surgem nestes contextos de trocas, compõem a formação identitária do sujeito, bem como o contexto social em que está inserido. Toda essa conjuntura ancora-se à capacidade de armazenamento de informações, isto é, a memória.

Como reflete Distante (1988, p. 84), “Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um ‘coração antigo’, isto é, se o futuro não se basear na(s) memória(s) do passado”. É nesse contexto que abrimos espaço para nos aprofundarmos na interação e nesse encontro de sujeitos, que produzem as enunciações, as quais se ancoram na concepção do Círculo de Bakhtin (Erdei; Boeno; Padilha, 2013) e reviver esse coração antigo, que permite o encontro de vozes e vivências multifacetadas pelo tempo e pela narrativa que encontra forma a partir da palavra do presente.

Nesse sentido, conforme descreve Ohuschi (2019), torna-se imprescindível para este momento contextualizar as contribuições relevantes para essa construção tanto social quanto educacional, realizada por intermédio da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), uma proposta do *Programa Escrevendo o Futuro*, criado em 2002, e que se transformou em política pública em 2008, em parceria com o Ministério da Educação (MEC), passando a ser denominada de *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o*

Futuro. Seu principal objetivo tem sido contribuir de forma significativa para o aprimoramento do ensino de leitura e de escrita no âmbito das escolas públicas do país. É nessa conjuntura que se encontra o gênero memórias literárias.

De acordo com Silva (2019), a OLP foi responsável pela inserção do gênero memórias literárias no contexto escolar, em 2004, com a primeira edição de uma sequência didática, no Caderno Docente intitulado *Se bem me lembro...* (Severiano *et al.*, 2021). No âmbito da OLP, para que os alunos produzam um enunciado do gênero memórias literárias, a partir da temática “O lugar onde vivo”, eles realizam uma entrevista com uma pessoa antiga de sua comunidade e, posteriormente, com base na entrevista realizada, escrevem o texto de memórias literárias em primeira pessoa, como se a história fosse sua. Como descreve os autores, Severiano *et al.*, (2021, p. 28), as

memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores ou escritoras que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. As narrativas, que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, são contadas da forma como são lembradas no presente. No caso das oficinas, os(as) alunos(as), por serem ainda muito jovens, irão recorrer, no desenvolvimento do tema, às memórias de pessoas mais velhas da comunidade. É importante, portanto, enfatizar, que os alunos e as alunas não irão escrever suas próprias memórias, elas e eles precisarão aprender a escrever como se fossem o(a) próprio(a) entrevistado(a).

Nessa perspectiva, conforme Sobral (2016 p.142), “cada interação é um evento único, não havendo, portanto, duas iguais. Nelas surgem formas de atuação linguística (ou gêneros) que, em seu curso histórico, acabam por transformar as próprias formas da língua que usam para se realizarem”. A análise dialógica a partir do gênero discursivo memórias literárias suscita reflexões significativas para histórias e vivências, como também sua relevância para as interações sociais por intermédio das relações intersubjetivas estabelecidas nos enunciados (Volóchinov, 2017 [1929]; Sobral, 2016).

Além disso, conforme elucida a professora Elizabeth Marcuschi (2012), no material “A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar” da OLP, este gênero possibilita que diferentes gerações dialoguem e compartilhem experiências, criando por meio de vínculos atemporais, aproximações carregadas de sentidos e ideologias, entre interlocutor e locutor, diferentemente da autobiografia e, até mesmo, dos gêneros de

esfera literária como: crônicas literárias; diários; fábulas etc. Este enunciado concreto estabelece por meio da narrativa, um elo emocional, envolvente e profundo sobre as experiências humanas, como também a “recuperação, no presente, de lembranças antigas atravessadas pelo imaginário do autor” (Marcuschi, 2012, p.56) os quais alcançam de maneira singular seus leitores.

De acordo com Menegassi e Ohuschi (2023, p. 426), a análise deste gênero discursivo “apresenta uma convergência entre o resgate de fatos do passado, a criatividade e a imaginação do autor, o que permite a produção de sentidos por posicionamentos axiológicos próprios do narrador, a possibilitar o trabalho sob o viés dialógico”. Desse modo, compreendemos essa produção como uma fusão a partir do exercício de escuta do outro, ou seja, do encontro de vozes e da constituição das identidades (Moura; Miotello, 2016), uma vez que o enunciado é mobilizador de sentidos em sua alteridade. Para isso, Marcuschi (2012) descreve que o autor deverá dar conta dos seguintes critérios:

1) recuperar lembranças sobre o passado cultural da localidade pela perspectiva de um antigo morador; 2) apresentar as reminiscências por ele recolhidas como se fossem suas, ou seja, escrever uma narrativa em primeira pessoa; 3) cuidar para que o texto entremeasse acontecimentos reais e ficcionais, com uma linguagem própria e pertinente à esfera da literatura, buscando envolver o leitor (Marcuschi, 2012, p. 60).

Neste contexto de produções de sentidos e relações do que não foi explícito pela linguagem verbo-visual se caracteriza o extraverbal (Menegassi; Cavalcanti, 2013), assim como salientam Acosta Pereira e Rodrigues (2014, p. 182), o qual também é “compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia e da valoração que lhe é decorrente”.

Essas características são elementares para a construção imagética das produções discursivas desse gênero, partindo da perspectiva da modalidade oral para a escrita. Assim, essa perspectiva ainda nos permite refletir sobre o que Bakhtin (2016 [1979]) descreve por gêneros discursivos primários e secundários. Neste caso, o ato enunciativo passa por uma transição e um refinamento nos recursos linguísticos, bem como em seu conteúdo composicional. Por isso, as memórias literárias transitam de enunciados

simples do cotidiano (primário), e adquirem a complexidade do estilo literário (secundário). Ou seja, o discurso sofreu uma ação valorada do processo de formação e reelaboração, fundamentadas a partir da “comunicação discursiva imediata” (Bakhtin, 2016 [1979]. p 15).

O caráter provisório dos gêneros discursivos (Bakhtin 2016 [1979]; Lira, 2016), ocorre devido às formas pelas quais concebemos a interação, as quais se constituem com base nas realidades em que foram produzidas. Afinal, como o ser humano está constantemente sujeito a mudanças, isso se reflete também nos enunciados produzidos. Por isso, Lira (2016, p. 192) aborda que “a orientação valorativa do enunciado vai depender de condições relacionadas ao tempo e ao espaço discursivos em que este é proferido”, isto é, o cronotopo, intrinsecamente vinculado às relações de sentido, como também ao ato ético do enunciado.

Ao compreendermos a palavra como essa ponte que nos liga ao outro, Volochinov (2017 [1929]) descreve é necessário que os interlocutores estejam em conexão ao terem que interagir sobre determinada temática, pois sem este alinhamento chamado de “*situação social mais proximal*” (Volochinov, 2017 [1929] p. 204, grifos do autor), a interação estaria comprometida, já que é relevante que se tenha ao menos um “*horizonte social*” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 205, grifos do autor) o qual norteia essa criação ideológica do grupo social. Por isso que o gênero em análise suscita conexões fundamentais para a formação social do sujeito-aluno, pois o coloca nessa condição de alinhamento com outro, e induz ao exercício da escuta ativa, como também da resposta responsiva no ato da reescrita.

Nesse sentido, notamos que o gênero discursivo memórias literárias consiste no aprofundamento dos sentidos e valores que são mobilizados pela interação social. Dessa forma, as memórias não se restringem a simples textos, mas constituem-se como vivências expressas por meio da escuta/escrita, imersas na vida em sociedade. Essa abordagem se sobrepõe à perspectiva da linguagem como um mero conjunto de códigos e estruturas superficialmente decodificáveis (Menegassi; Ohuschi, 2023). Ao contrário, a compreende como um fenômeno sociocultural e ideológico, considerando todos os elementos implícitos e explícitos que compõem o enunciado.

Ao finalizar esta seção, sistematizamos os elementos que constituem o gênero memórias literárias, conforme detalhado no Quadro 1.

Quadro 1: Os principais elementos de constituição dialógica do gênero discursivo memórias literárias

<p>O contexto de produção</p>	<p>Produtor: No geral, pode ser produzido tanto por um escritor literário quanto por uma pessoa comum que relata suas memórias, de forma literária. Na OLP, esse relato é escrito por um aluno que o faz por meio de uma entrevista com uma pessoa mais velha, neste caso, o escreve como sendo sua (Severiano <i>et al</i>, 2021; Ohuschi, 2019; Marcuschi, 2012).</p> <p>Possíveis Interlocutores: por ser um gênero de acesso no contexto escolar, podemos considerar jovens e adolescentes, mas também pessoas mais velhas como mobilizadores deste discurso.</p> <p>Supradestinatários: A sociedade em geral, já que também aborda questões de problemáticas e vivências de cunho subjetivo, que reflete também no coletivo.</p> <p>Campo de atividade: Literário</p> <p>Objetivo: Rememorar acontecimentos do passado os quais, em sua maioria somam com uma reflexão para o presente, pois traz em sua essência esses contrapontos de tempos distintos. No âmbito escolar contribui para desenvolvimento da oralidade, escrita, leitura e conhecimentos linguísticos dos alunos.</p> <p>Finalidade: Para Marcuschi (2012, p. 56), tem um propósito sociocomunicativo ao “recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos”, como um resgate ao passado social que compõe cada indivíduo (Costa, 2008). Vale ressaltar também a importância do exercício de escuta do outro, na medida em que se entende como sujeito que se forma por meio das interações que surgem no decorrer da vida. Buscando refletir e refratar o presente, a partir desse momento troca.</p> <p>Intenção discursiva: A palavra, como meio pelo qual se impõe como sujeito social e</p>
-------------------------------	--

	culturalmente formado. Colocar o outro nesse espaço de partilha, vivências e experiências.
O conteúdo temático	Resgate de memórias; lembranças ou experiências vivenciadas pelo autor/narrador. Abordagem de acontecimentos pessoais, considerando sua relevância social, histórica e cultural para a sociedade, como também para o autor.
Construção composicional	Em decorrência de sua narrativa em sequência podemos relacioná-lo à prosa. O compartilhamento de experiências liga-se a uma formação identitária, cultural, na qual pode transmitir valores e reflexões relevantes para a o presente.
Estilo	Apesar de conceder liberdade criadora ao autor, o gênero possui estruturas significativas, como: “Valorização da singularidade e da estética literária” (Marcuschi, 2011, p.24). Narrador em primeira pessoa; caráter subjetivo (Silva, 2019); literalidade na escrita da narrativa; recursos estilísticos que provoquem reflexão sobre os eventos narrados; expressões adverbiais; confronto entre passado e presente; eventuais ficcionalidades dos fatos; mas um compromisso com as vivências “que afetam a memória afetiva, a memória involuntária e a memória dos sentidos” (Marcuschi, 2012, p.57).

Fonte: As pesquisadoras.

Na sequência deste estudo, abordamos sobre a metodologia empregada na pesquisa.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Situamos esta pesquisa no campo da Linguística Aplicada, pautando-se em sua fase como ciência social, como aponta Moita-Lopes (1996, p. 19- 20), ao considerar intrinsecamente “a resolução de problemas de uso da linguagem, tanto no contexto escolar quanto fora dele”. Para autor, seu foco está nas problemáticas de uso entre seus interlocutores discursivos, situados em um contexto social. Sua natureza interdisciplinar e mediadora postula-se como principal meio de investigação que medeia entre o conhecimento teórico e a linguagem em uso e seu enfoque processual, não apenas

resultante. Nesse contexto, o objeto de análise que se insere nesta proposta é um enunciado do gênero discursivo memórias literárias, o qual, alinhado à LA visa tecer reflexões contundentes referentes às relações e dinâmicas dialógico-discursivas da linguagem em seu uso social.

Para este estudo, adotamos a abordagem de cunho qualitativo-interpretativo (Ludke e André, 1986). Essa abordagem considera a imersão do pesquisador para a análise dos dados da pesquisa, os quais são diretamente coletados do contexto natural e descritos minuciosamente, com a finalidade de abordar a sua particularidade e complexidade. Desse modo, detém-se como foco prioritário o processo em detrimento ao produto, isto é, válida a construção de conhecimento advinda desse percurso, por meio de um método indutivo.

Esse percurso metodológico tornou-se significativo para sustentar a análise do enunciado escolhido do gênero discursivo memórias literárias, especificamente o enunciado intitulado “Lata d’água na cabeça, lá vou, Maria”, produzido por Evellyn Isabelle Lima, aluna finalista da 6ª edição⁶ da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), que contempla a temática das produções de todos os gêneros da OLP: “*O lugar onde vivo*”. Para isso, teve como motivação aos alunos participantes da Olimpíada o que a escritora brasileira Conceição Evaristo, homenageada nessa edição, chama de “escrevivência”, a escrita que nasce nas vivências cotidianas e pessoais.

Dessa forma, inserido nesse contexto da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, o enunciado selecionado como *corpus* deste trabalho nos possibilita investigar e explorar as nuances que implicam suas enunciações discursivas, como cronotopo, juízos de valor que permeiam a narrativa, entonação e seu contexto extraverbal. Toda essa conjuntura axiológica visa possibilitar a abordagem da temática desta pesquisa, principalmente, ancorando-se na concepção dialógica – discursiva de linguagem, fundamentadas nos pressupostos do Círculo de Bakhtin.

⁶ Ressaltamos que selecionamos um enunciado produzido na 6ª edição da OLP, ocorrida no ano de 2019, pois foi a última edição da OLP em que o Concurso teve enfoque na produção textual dos alunos. Na 7ª edição, realizada em 2021, o foco foram os relatos de prática dos professores e, até o momento, ainda não aconteceu a 8ª edição.

Diante disso, Acosta Pereira (2014, p. 9) afirma que é “impossível compreender o enunciado em sua realização concreta sem adentrar-se na atmosfera axiológica do meio ideológico”. Logo, este percurso analítico busca contemplar tanto a dimensão social (aspectos do contexto de produção), quanto a dimensão verbal (conteúdo temático, construção composicional e estilo), com ênfase nas axiologias sociais (extraverbal, entonação e juízo de valor).

Com isso, partimos para a seguinte seção em que apresentamos a análise aqui mencionada, como também os resultados advindos dela.

3 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a análise com ênfase nas axiologias sociais: entonação, juízos de valor e contexto extraverbal, considerando seu cronotopo suas refrações identitárias, sociais e culturais, presentes no enunciado do gênero memórias literárias, “Lata D’água Na Cabeça, Lá Vou”, produzido pela aluna Evellyn Isabelle Lima Vale.

3.1 “LATA D’ÁGUA NA CABEÇA, LÁ VOU, MARIA”

Apresentamos, no Quadro 3, o *corpus* selecionado para a análise desta pesquisa:

Quadro 3: memórias literárias “Lata D’água Na Cabeça, Lá Vou, Maria”.

Lata D’água Na Cabeça, Lá Vou, Maria

A felicidade pode não significar dificuldade, mas ela sempre esteve ao meu lado. Chamo-me Maria Santos da Silva, tenho 70 anos e sou do Mato Grosso. Por lá fiquei até minha adolescência. Eu era do Seringal, no Garimpo, e migrei para o Amazonas em 1960, onde moro até hoje. Não tinha pai, nem mãe, fui criada por um homem e uma mulher que me faziam de escrava. Eu fazia tudo. Mas o que mais me entristecia era a lata d’água e a ladeira. Oh! Lata cruel! Oh! Ladeira malvada! A lata era minha companheira de todos os dias! Chegava a odiá-la e amá-la ao mesmo tempo. Era um misto de amor e ódio, porque eu não tinha ninguém para conversar, a lata era minha “amiga”.

Eu tinha que pegar água todos os dias: de manhã, à tarde e à noite porque naquela época não havia água encanada. E o pior: para pegar tal água tinha que subir uma ladeira muito difícil, inclinada, uns quatrocentos metros. Piorava quando chovia: eu caía, escorregava e a lata d’água se ia embora, assim como meus sonhos. Tinha que voltar ao rio e pegar água de novo, de novo e de novo. A cada queda, a cada buraco que eu pisava, a cada dificuldade, eu levantava e enfrentava tudo mais uma vez, assim como eu enfrentava as humilhações sempre com a cabeça erguida.

Oh! Ladeira cruel! Oh! Lata pesada! Quando subia a ladeira com a lata d'água na cabeça, ia conversando com minha amiga lata. Contando meus sonhos, minhas esperanças. Queria estudar. Não podia! Era só uma menina escrava que trabalhava para ter o que comer.

Anos se passaram. Cresci e saí de lá livre. Com muito esforço vim pra Manaus. Casei e consegui comprar minha casa no bairro do Alvorada, onde moro até hoje. Tenho meu marido, filhos e irmãos ao meu lado.

Hoje, toda a tristeza e humilhação que passei viraram alegria. A lata d'água, minha companheira de infância, só existe agora nas minhas memórias. A ladeira, um lugar de angústia, sofrimento, lágrimas, e quedas, transformou-se numa rua asfaltada, cheia do vaivém dos carros.

Subo e desço “minha ladeira”, agora, feliz da vida. Realizada com a oportunidade que Deus me deu de virar mais uma página da minha vida. E lá vou eu, Maria, sem a lata d'água na cabeça.

(Evellyn Isabelle Lima Vale- Aluna enunciadora)

Fonte: Textos finalistas - OLP: “O lugar onde vivo” (2019, p. 72-73).

Em consonância com o método sociológico descrito por Volochinov (2017 [1929]), a análise neste primeiro momento deve, portanto, considerar a dimensão social do enunciado (Acosta-Pereira, 2014, p.11) que “diz respeito às conjecturas histórico-culturais e ideológico-valorativas de constituição e funcionamento dos textos-enunciados”.

Essa perspectiva é imprescindível para a construção de sentidos (Beloti *et al.*, 2020) que se fundamentam em signos ideológicos, constituindo-se como “um fenômeno do mundo externo” (Volochinov, 2017 [1929], p. 94). Com isso, o intuito de explorarmos a realidade concreta deste enunciado se funde a uma retomada ao seu contexto de produção, os elementos extraverbais que seguem a metodologia dialógica do estudo da língua:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (Volóchinov, 2017 [1929], p. 220).

Nesse sentido, partimos à contextualização do *corpus* deste estudo. O enunciado de memórias literárias intitulado “Lata D'água Na Cabeça, Lá Vou, Maria” tem como enunciadora a aluna do Ensino Fundamental, Evellyn Isabelle Lima Vale, finalista da 6ª

edição do concurso da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, de 2019. Como postula Ohuschi (2019), cada produção passa por um processo extenso de 16 oficinas, sendo a 17ª oficina direcionada aos “últimos retoques” como apresenta o caderno docente (Severiano *et al.*, 2021), para que, assim, os alunos concluam os seus textos- enunciados.

Essa trajetória para se conceber a produção ocorre de maneira processual, logo, se remete à concepção de escrita com trabalho, abordada por Sercundes (1997, p. 83), em que “a produção, nesse caso, surge de um processo contínuo de ensino e aprendizagem. Essa metodologia permite integrar a construção do conhecimento com as reais necessidades dos alunos”. Com isso, confere ao concurso um caráter mais discursivo, interativo e contextualizado nas práticas de ensino e aprendizagem da língua, o que se contrasta ao ensino tradicional com os gêneros em sala de aula.

Desse modo, para Ohuschi (2019, p. 46-47), “a proposta do caderno [...] volta-se à ampliação, por parte dos alunos, dos conhecimentos de linguagem e sua participação social, por meio da leitura e da produção de textos de memórias literárias”. Assim, essa proposta se destaca pelo aspecto de provocar no sujeito que a escreve, e seu interlocutor, uma imersão em outro tempo e outro espaço, a fim de valorizarem as experiências das pessoas mais velhas, para melhor dar forma por meio da escrita, às vivências, o que se soma à sua formação identitária e social (Clara *et al.*, 2014; Marcuschi, 2012).

Ao contemplarmos a dimensão social do gênero e adentrarmos nesse universo contextual discursivo, bem como sua relevância para a compreensão do enunciado como um todo, torna-se fundamental destacar o papel social exercido pela enunciativa, ao ocupar o protagonismo de sua narrativa. A ação valorada sob a palavra como a representação pura dos signos e como um *médium* mais apurado e sensível da interação social (Volóchinov, 2017 [1929]), demonstra sua leitura responsiva e ativa, como também expressa sua consciência ideológica refletida e refratada. Sua produção textual a garantiu não só lugar dentre os textos finalistas, ao atender aos critérios de pontuação dos descritores do concurso nacional de Língua Portuguesa, mas também expandiu sua capacidade de uso da linguagem e a sua atuação discursiva na vida.

A narrativa resultante de sua autoria depreende de uma relação estreita entre o passado e o presente, destacando, sobretudo, o cronotopo que ganha voz, a partir do

rememorar exercido pela enunciadora, que o faz de maneira vívida. A época em destaque no enunciado, para situar seu leitor ao tempo do acontecimento, remete aos anos de 1960, no estado do Amazonas, que encontrou espaço, enraizado nas memórias de Maria Santos da Silva (entrevistada), em uma extensa viagem de 59 anos de existência, até sua descrição, em 2019, ano em que foi “traduzido para um outro contexto ativo e responsivo” (Volóchinov, 2017, p. 63).

Em relação à condição de circulação desse gênero de esfera literária, conforme salienta Marcuschi (2012), consideramos as memórias literárias com circulação frequente no contexto escolar e até mesmo acadêmico (Ohuschi, 2019). A escrita de suas narrativas aponta aos seus interlocutores: professores e alunos, em sua maioria jovens e adolescentes. Entretanto, não podemos desconsiderar que, por se encontrar na plataforma digital do programa da OLP Escrevendo o Futuro, possibilita o acesso de quaisquer indivíduos, o que amplia seu espaço circulação social.

Nessa mesma perspectiva, Marcuschi (2012, p. 58) ainda reflete que “no âmbito das práticas pedagógicas, tais como as propostas pela Olimpíada Escrevendo o Futuro, o gênero memórias literárias adquire contornos mais definidos e transparentes”. Isso abre espaço para refletirmos o seu tempo de circulação; variável, pois depende de certa forma, de sua reapropriação e utilização no ambiente escolar, do mesmo modo em que sua recepção se molda às expectativas de seus interlocutores e sua bagagem de conhecimentos prévios.

No contexto da OLP, os alunos, por ainda serem muito jovens, realizam entrevistas com pessoas mais velhas de sua comunidade (Ohuschi, 2019), as quais no ato da entrevista descrevem episódios marcantes de suas trajetórias de vida. Após a entrevista, o aluno ainda passa pelo processo de selecionar e organizar as informações, para então produzir. Essa troca enriquece o enunciado, já que, para esse gênero, “é preciso primeiro viver para depois narrar” (Marcuschi, 2012, p. 57). A ação de se remontar a um outro tempo e a outras vivências traz elementos axiológicos advindos de uma compreensão valorada das vivências que envolvem um sujeito socialmente organizado.

Ao ser compreendido como um gênero do discurso, o enunciado em estudo abre espaço para a abordagem dos “três aspectos possíveis de análise em relação ao seu propósito comunicativo: objetivo, finalidade e intenção discursiva” (Polato; Ohuschi;

Menegassi, 2020, p. 144). Para tanto, como objetivo, notamos que, ao rememorar um outro cronotopo, isto é, o passado de Maria Silva, a enunciadora buscou dar ênfase nas experiências de vida da entrevistada e nos aspectos que refletem a luta pela sobrevivência, bem como a capacidade de enfrentar desafios e superá-los. Assim, a maneira como relaciona os eventos enunciados permitem que seu interlocutor os leia, reflita e refrate a partir de sua realidade social.

Neste sentido, a finalidade do enunciado, definida também como “propósito sociocomunicativo” (Marcuschi, 2012, p. 56), resulta do processo de escuta ativa do outro e na interação que estabelece com seu interlocutor, considerando a esfera social em que está situado. Em decorrência disso, a expressividade com vista na reflexão e na denúncia dos acontecimentos narrados são mobilizadas ao abordar temáticas sociais como: solidão, exploração do trabalho infantil, resiliência e superação. Outro ponto em evidência, é a valorização das vivências de pessoas mais velhas e o quanto suas histórias podem somar para a construção das memórias coletivas e do reconhecimento desses sujeitos como indivíduos importantes para a reflexão e leitura dialógica dos contextos atuais.

Isso se soma à intenção discursiva da enunciadora, a qual permite “a produção de sentidos a partir das relações dialógicas constituídas” (Ohuschi, Polato e Menegassi (2020, p. 144), ao utilizar a linguagem como parte fundamental das relações sociais para se estabelecer na produção como um sujeito social e ideologicamente formado e alcançar seus interlocutores com as temáticas suscitadas no enunciado. Dessa forma, a linguagem literária utilizada para enunciar os fatos em períodos curtos e simples, resulta em um enunciado que transforma as memórias desta mulher, chamada Maria, em aprendizados de força e resistência, como também ressalta a capacidade de superar dificuldades, abrangendo desde a sua infância até a adulta.

Além disso, a enunciadora faz uso da experiência pessoal, para abordar questões sociais, destacando a dualidade entre a experiência subjetiva e as realidades que podem se assemelhar às de outros sujeitos. Com isso, as temáticas apresentadas motivam o posicionamento axiológico de seu leitor e ativam sua consciência socioideológica, permitindo-o que por meio do estilo pelo qual são descritas as situações, promova a

sensibilização e compreensão das injustiças sociais e da resiliência humana, do mesmo modo em que trata a coexistência da felicidade com a dor e o sofrimento.

Isso permite que a narrativa, assim como ocorre no enunciado em análise deste trabalho, ganhe um *colorido expressivo* no realce dos acontecimentos por meio do estilo linguístico literário. Em função disso, as temáticas sociais percorridas na narrativa memorialística somam-se à possibilidade de trazer discussões pertinentes para a expansão da consciência-socioideológica de seus interlocutores (Menegassi; Polato, 2017), ao refletir sobre as condições de vida de tempos passados, presentes, como também, futuros.

Em relação à dimensão verbal do enunciado, o conteúdo temático (Bakhtin 2016 [1979]) apresentado expõe denúncias sociais e promove reflexões relevantes de uma infância marcada por uma condição de vida escravizada e humilhante. A enunciativa traz uma performance para o enunciado que expõe experiências subjetivas ao rememorar da infância solitária à vida adulta de superação, as quais provocam no seu interlocutor (juvenil), valores e reflexões relevantes para o presente. Isto é, uma avaliação social suscitada também a partir de seus aspectos extraverbais (Bakhtin, 2019 [1926]): a consciência das existências dessas mazelas sociais somada a uma conclusão avaliativa e responsiva.

No tocante ao aspecto de sua construção composicional (Bakhtin 2016 [1979]), o gênero memórias literárias possui uma estrutura organizacional, que se funde às características prosaicas de um enunciado, tendo os acontecimentos da vida do autor percorridos em sequência cronológica. O enredo destaca os fatos da narrativa em períodos curtos e simples, permeados de apreciações valorativas para “que possam retratar reminiscências do passado de um lugar para melhor compreender transformações, fruto do decorrer do tempo,” pelas lentes de um sujeito que concede sua voz para a criação literária (Severiano *et al.*, 2021, p.20).

No que tange aos seus aspectos estilísticos (Bakhtin 2016 [1979]), como podemos perceber nas descrições, os recursos linguísticos se atrelam à “aspiração de provocar experiências estéticas, éticas, ideológicas etc. no leitor presumido” (Marcuschi, 2012, p. 56), proporcionando com o seu interlocutor se aproxime da voz que narra e da realidade

descrita, estabelecendo, portanto, uma interação entre a realidade de outrem e os conhecimentos que dialogam com as realidades de seu interlocutor.

As marcas de estilo desse gênero se configuram com narrador em primeira pessoa, como também a “valorização da singularidade e da estética literária” (Marcuschi, 2011, p.24). Além disso, apresenta um caráter subjetivo (Silva, 2019), a mistura de sensações, isto é, a literalidade na escrita da narrativa (Soares; Ruiz, 2020), a fim de que seus leitores vivenciem indiretamente os fatos enunciados, a partir da linguagem literária, o que por sua vez instiga sua imersão e posição de sua consciência subjetiva (Volochinov, 2017 [1929]).

Outro aspecto relevante são as reflexões que sustentam sua discursividade ideológica pelo confronto entre passado e presente, com as marcações verbais no pretérito imperfeito (“chegava”, “tinha”, “piorava”) e perfeito, considerando os efeitos de sentido que cada um produz (Severiano *et al.*, 2021). Outrossim, é a utilização de eventuais ficcionalidades em seu decorrer, sem desconsiderar seu compromisso com as vivências reais (Marcuschi, 2012; Ohuschi, 2019), dentre outros aspectos.

Dessa forma, este momento da investigação se estreita à “essência social da palavra” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 117) ao considerarmos os “[...] ecos distantes e mal percebidos [...]” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 60) da enunciativa, destacando seus aspectos axiológicos e linguísticos que compõe os implícitos e explícitos do enunciado concreto. Ao adentrarmos nessa *cadeia discursiva*, situamos o leitor para as possibilidades de *exaurir* o objeto de estudo, a partir da dialogicidade da linguagem em uso e os recursos utilizados pela enunciativa para tornar esta narrativa envolvente desde o título o último parágrafo.

Nesse viés, ao começarmos pelo título do enunciado “Lata d’água na cabeça, lá vou, Maria”, já podemos considerá-lo como fator pertinente para a produção de efeitos de sentidos acionados em seus interlocutores. Isso ocorre porque a enunciativa, ao assumir o papel como sujeito da situação (Ohuschi, 2019), concebe à ligação do verbal com o contexto social no qual a interação acontece (Lira, 2016). Por isso, os aspectos verbais inferidos responsivamente pela enunciativa demonstram que esses elementos linguísticos correspondem à sua intenção discursiva, isto é, correspondem aos

“subsequentes da comunicação” (Bakhtin, 2016 (1979) p. 62) de atrair e dialogar com seu interlocutor.

Ao estabelecer essa conexão por meio da enunciação, a utilização dos recursos linguísticos mobilizados no título, já configura essa interação dialógica. O uso do advérbio de lugar "lá" implica um distanciamento da pessoa que fala. Além disso, somado à flexão verbal "vou", conjugada na primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, marca uma ação terminada, remetendo ao final do enunciado, quando ocorre uma mudança em sua condição de vida.

Assim, ao refletirmos sobre o seu papel no contexto extraverbal do enunciado percebemos a relação alinhada à “constante renovação, a partir das relações dialógicas com o já-dito” (Ohuschi, 2022, p.35). Para tanto, o título apresenta essas relações com um outro enunciado, de 1952, composto por Luís Antônio e Jota Júnior e interpretado pela voz de Marlene, intitulado “Lata D’agua”⁷. Trata-se de um samba que se tornou uma clássica marchinha de carnaval e que faz referência a árdua rotina de Maria descrita nos versos da canção. Vale ressaltar que a composição homenageia a trajetória de vida da passista Maria Mendes Chaves Roy, uma história repleta de dificuldades e superações. Podemos também estender sua significação às mulheres em geral que trabalham cotidianamente, em especial às que vivem em situações extremas de sacrifícios diários pela sobrevivência.

Desse modo, percebemos que a enunciativa fez uma paráfrase ao trecho inicial da música “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria”, mas nesse caso, a expressão “lá vai” denota um outro sentido, o qual indica uma ação que está sendo realizada na terceira pessoa discurso, ou seja, refere-se à Maria, como a pessoa que vai; já no enunciado da OLP, Maria é posta como a interlocutora. Com isso, ao utilizar-se dessa forma enunciativa para intitular sua produção, notamos uma estratégia social e cultural sendo mobilizada, ao perceber a semelhança histórica entre as duas Marias e inferi-las no diálogo ideológico com seu interlocutor. Além do mais, essa ação realça o enunciado como unidade real do

⁷ O título da clássica marchinha de cavalesca, homenageia a trajetória de superação, persistência e fé da passista e missionária Maria Mendes Chaves Roy, que por 45 anos desfilou na Sapucaí por várias escolas de samba. As informações podem ser conferidas no site da www.cançãonova.com.

fluxo da linguagem (Volóchinov, 2017 [1929]), o que corrobora com as inferências e avaliações suscitadas no contato social da narrativa.

Neste sentido, o trecho da marchinha faz referência a uma ação que está sendo realizada pela terceira pessoa do discurso “[...] lá vai Maria”. Ao perceber essa lacuna de apropriação como sujeito da enunciação, a enunciativa Evellyn Vale dá voz, ou melhor, um *colorido emocional e axiológico* (Bakhtin, 2016 [1979], p. 51) à “sua” Maria, ao mudar a expressão “lá vai” para “lá vou, Maria”. Logo, considerando-a como protagonista da ação, a mulher que enuncia sua trajetória, a mulher que desde pequena lutava diariamente por sua sobrevivência, assim como tantas outras “Marias” existentes na sociedade, por vezes silenciadas e terceirizadas.

O *colorido expressivo* nasce com o intuito de vozejar a ação e a sua projeção no ambiente social e imediato. Ao concebermos essa composição semântica advinda da posição responsiva da enunciativa, torna-se evidente que cada elemento verbal carrega um tom avaliativo e uma avaliação significativa na projeção do dizer. Como destaca Bakhtin (2016 [1979], p. 51), de que

Quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto projetado do enunciado e esse conjunto que projetamos e criamos é sempre expressivo e é ele que irradia a sua expressão [...] a cada palavra que escolhemos; por assim dizer, contagia essa palavra com a expressão do conjunto.[...] só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão; esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós.

Nesse sentido, olhamos o enunciado não como uma unidade convencional, mas real e dialógica (Bakhtin 2016[1979]) que usa da linguagem para se manifestar socialmente, refletindo “as condições e as finalidades de cada esfera discursiva” (Lira, 2016, p. 192) com valorações e intenções próprias de quem enuncia. Com isso em mente, seguimos a investigação do primeiro parágrafo da narrativa a considerar, sobretudo, as nuances discursivas que o envolve.

O parágrafo começa com a seguinte afirmação que parte de uma estratégia da enunciativa: “A felicidade pode não significar dificuldade, mas ela sempre esteve ao meu lado”. Essa expressão é recorrente em produções biográficas e memorialísticas, podemos até entendê-la como uma frase de efeito antes do discorrer da narrativa, já que

seu objetivo é atrair a atenção de seu leitor-interlocutor, a fim de despertar sua curiosidade e interesse, por meio da conexão emotiva que prova a reflexão do que está posto.

A afirmação provoca um posicionamento avaliativo do seu leitor, que ao lê-la percebe que a interpretação não vem de imediato, isso porque a forma como a enunciativa posiciona as palavras corresponde à sua intenção na composição semântica do enunciado (Volóchinov, 2019 [1926]). Desse modo, ao considerar a posição social de seu interlocutor (Menegassi; Cavalcanti, 2020), a enunciativa usa da comparação entre a felicidade e a dificuldade para acionar a consciência ideológica e valorada do sujeito, a fim de levá-lo a refletir que expressão se remete a uma perspectiva positiva da enunciativa sobre a trajetória de vida relatada em seu enunciado.

Com isso, a avaliação axiológica parte da compreensão de que foi uma trajetória repleta de adversidades e dificuldades, no entanto, sua leitura atual sobre o seu passado, é de que a conjuntura não anulava a permanência da felicidade, que era como uma guia que se manifestava na persistência e no olhar esperançoso sobre sua vida. A compreensão de sua afirmação encontra-se no aspecto extraverbal do enunciado (Volochinov, 2019 [1926]), aquilo que está implícito, adjunto ao tom avaliativo sobre o que está sendo manifestado (Volochinov, 2019 [1926]; Menegassi; Cavalcanti, 2020).

Posterior a essa afirmação, a enunciativa introduz no começo da narrativa um panorama geral de Maria, a considerar suas fases iniciais de sua vida, portanto, seu nome, idade, origem mato-grossense e uma breve contextualização de sua migração em 1960 para o Amazonas, onde vive até hoje. Em seguida, a narrativa se estreita ao seu foco narrativo, o enredo que dialoga indiretamente com a expressão inicial do enunciado, o título e até mesmo trechos da marchinha de samba; *o já-dito*.

A sua orfandade é descrita logo no início do enunciado, “Não tinha pai, nem mãe”, pois ela confere atribuições significativas para os demais eventos narrados. Ao se referir sobre sua criação, após afirmar não ter pai, nem mãe, a enunciativa se expressa da seguinte forma; “fui criada por um homem e uma mulher”. O uso de “um homem” e “uma mulher”, foi intencional e axiológico, ou seja, instiga uma avaliação subtendida (Volóchinov, 2019 [1926]), pois se subtende que seu emprego revela sua motivação em não os representar com laços familiares e fraternais, mas apenas como indivíduos

quaisquer. Isso também concede à expressão “criada” com uma conotação simbólica de exploração e desigualdade, que condiz à sua afirmação no final do período: “que me faziam de escrava”.

Essa retomada a um outro cronotopo e outros elementos conferem ao primeiro parágrafo uma excelente introdução da narrativa. Assim como a imersão de seus elementos principais: “a lata d’água e a ladeira”, descritas da seguinte forma: “Mas o que me entristecia era a lata d’água e a ladeira. Oh! Lata cruel! Oh! Ladeira malvada!”. O instrumento de trabalho e o local alinham-se à condição de vida do sujeito do discurso, e expressa a “relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 47).

A entonação valorativa (Bakhtin, 2016 [1979]) em: “Oh! Lata cruel! Oh! Ladeira malvada!”, manifesta a presença de sentimentos de tristeza e frustração ao lembrar esses episódios de sofrimento. Além disso, a expressão “era um misto de amor e ódio, porque eu não tinha ninguém para conversar, a lata era minha ‘amiga’” reflete parcialmente o motivo pelo qual a enunciativa concebeu um tom avaliativo ao dito anteriormente. Nessa última afirmação do parágrafo, percebemos o uso da personificação, uma figura de linguagem, ao atribuir à lata condições humanas, como a relação de amizade, ao chamá-la de “amiga”. A intenção era tornar evidente a intensidade de sua solidão, pois era a única presença existente nos dias da infância de Maria.

Nessa perspectiva, o segundo parágrafo concentra-se na descrição de sua rotina diária, a qual alinha-se a uma condição de trabalho análogo à escravidão. Para garantir sua sobrevivência, tinha que enfrentar as subidas e descidas íngreme na ladeira, pois “para pegar tal água tinha que subir uma ladeira muito difícil, inclinada, uns quatrocentos metros”. As descrições favorecem que o interlocutor identifique essas características e as relacione com o meio social (Menegassi; Cavalcanti, 2020).

Do mesmo modo, ao final do parágrafo, a enunciativa recorre à metáfora para dizer que quando “chovia: eu caía, escorregava e a lata d’água se ia embora, assim como meus sonhos”. Nesse caso, percebemos também que o emprego de dois verbos que expressam sentidos semelhantes, “caía” e “escorregava”, refletem a intenção de enfatizar o acontecimento, sobretudo, a comparação entre a queda, o esvaziamento da lata e de seus sonhos, que se associam à ideia de cansaço, frustração e declínio, principalmente

pelo fato de ter que repetir todo o processo, “de novo, de novo e de novo”. A própria repetição tende a desenvolver no interlocutor o efeito de sentido referente à persistência pela sobrevivência.

Ao relacionarmos o enunciado de Evellyn e a marchinha carnavalesca, notamos que as repetições da primeira estrofe da música “Lata d’água na cabeça/ Lá vai Maria, lá vai Maria/ Sobe o morro e não se cansa” interagem com a representação dialógica da mulher e sua constante obstinação, não só pelo pão de cada dia, mas pela expectativa de suplantar sua realidade. Por isso, a entonação expressiva pertencente ao enunciado proporciona essa apreciação dialógica da linguagem ao considerar sua dimensão verbal e social, e que se gera nesse encontro de sujeitos e suas incompletudes (Bakhtin, 2016 [1979]; Moura; Miotello, 2016; Pereira, 2014).

Assim como no enunciado de Evellyn Vale, ao final do segundo parágrafo, a enunciativa relata “A cada queda, a cada buraco que eu pisava, a cada dificuldade, eu levantava e enfrentava tudo mais uma vez, e assim eu enfrentava as humilhações sempre de com a cabeça erguida”. Suas afirmações se entrelaçam ao sentimento de persistência, resistência e a tenacidade de um ser humano resiliente, sem romantizar as condições de vida, mas de ter essa força que se manifesta por um amanhã diferente, que se contrapõe à escravidão de sua mente, apesar de seus conflitos internos.

Toda essa conjuntura implícita do enunciado constitui-se em seus aspectos axiológicos (Volóchinov, 2019 [1926]). Em vista disso, o terceiro parágrafo memorialístico já começa com a entonação “Oh! Ladeira cruel! Oh! Lata pesada!”, seu tom avaliativo expresso, após dizer que não desistia, reflete um conflito entre as lembranças e os sentimentos que a envolvem, tais inferências conseguem atribuir maior significação durante a leitura do enunciado.

Nesse viés, mais uma vez, ocorre o uso da metáfora e da personificação para colorir e vozeir a amizade entre Maria e a lata, ao dizer da seguinte forma: “Quando subia a ladeira ia conversando com minha amiga lata d’água na cabeça. Contando meus sonhos, minhas esperanças. Queria estudar. Não podia!”. Os elementos verbais afloram as emoções e o sentimento de justiça em decorrência de seus aspectos extraverbais.

Desse modo, observamos aquilo que afirma Volóchinov (2013, p. 78), que o extraverbal “se apoia diretamente em tudo isto: no visto conjuntamente”; (uma infância

marcada pela injustiça e maldade humana); “no sabido conjuntamente”; (o trabalho escravo é crime), “e no avaliado conjuntamente” (Maria foi uma vítima, assim como existem outras milhares de pessoas nessa condição).

Esse todo implica no aflorar da consciência socioideológica (Polato; Menegassi, 2017) de seu leitor-interlocutor, como também o seu juízo de valor sobre o enunciado (Volóchinov, 2019 [1926]), que permite, por meio da interação discursiva, refletir e refratar a sua posição ativa e responsiva, como sujeito social diante das problemáticas sociais existentes.

O cenário descrito pela enunciativa concede voz a emoções silenciadas há anos. Dessa maneira, podemos perceber que a forma como se desenrola a narrativa, ao utilizar-se dos recursos expressivos e axiológicos, como: entonação, juízo de valor e o contexto extraverbal, possibilita a criação imagética de sua trajetória com base na imersão da leitura. No decorrer do trecho sobre sua amizade com a lata, a enunciativa consegue gerar no seu leitor a compreensão de que sua solidão era tamanha que a fazia recorrer, portanto, ao seu instrumento de trabalho árduo.

Ao descrevê-la como: “Eu era só uma menina escrava que trabalhava para ter o que comer”, ao final do terceiro período, se alinha novamente ao *já-dito* da canção, quando o autor compõe a seguinte estrofe “Maria lava roupa lá no alto/ Lutando pelo pão de cada dia/ Sonhando com a vida do asfalto/ Que acaba onde o morro principia”. Dessa forma, esses enunciados derivam exatamente da linguagem “como um processo sócio-histórico *contínuo* de produção de sentidos”, logo, é o meio pelo qual se manifesta o confronto de vozes dos sujeitos constituintes da sociedade (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 144 grifos do autor).

Ao olharmos o enunciado não como uma unidade convencional, mas real (Bakhtin 2016[1979]) e dialógica, notamos que é esse o fator que torna as relações discursivas possíveis, no campo de atividade humana. Isso porque é preciso admitir e entender de maneira ampla e convicta que a realidade imediata é fundamental para poder “aproximar da vida real da língua” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 347).

Nesse sentido, no quarto período do enunciado, a enunciativa aponta para uma mudança do percurso narrativo. Essa mudança corresponde à expectativa de seu interlocutor, ao enunciar “Anos se passaram. Cresci e saí de lá livre”, de maneira direta

já se consegue elucidar uma melhora de vida. Em seguida, relata sua mudança para a capital do estado, Manaus, e afirma “Casei e consegui comprar minha casa no bairro da Alvorada”. Sua descrição expressa sua gratidão e superação de vida. Além do mais, devemos considerar a mudança no tempo verbal, antes sua conjugação estava no pretérito imperfeito, mas agora percebemos sua mudança para o pretérito perfeito do indicativo, para referir-se à sua mudança de vida e ao tão almejado laço familiar que construiu.

A transição do tempo verbal denota em efeitos de sentido para o *colorido expressivo* do enunciado mobilizados pela enunciadora, já que são essenciais do gênero (Severiano *et al.*, 2021). Essa alteração implica na modulação da enunciadora sobre a narrativa, com realce em sua progressão. Assim, o pretérito imperfeito expressa uma ação mais duradoura do passado, como a sua infância, e o pretérito perfeito já apresenta um sentido pontual, ou seja, uma ação concluída em um determinado momento no passado, isto é, representa a mudança que ocorre na vida de Maria, já nos parágrafos de conclusão do enunciado.

Ao se encaminhar para os parágrafos finais, a enunciadora rememora: “hoje, toda a tristeza e humilhação que passei viraram alegria”. Logo, aquele lugar de dor e sofrimento só se encontram em suas memórias. Como enfatiza: “A lata d’água minha companheira de infância só existe agora nas minhas memórias”. É relevante trazer a reflexão desse *tom avaliativo*, pelo qual a enunciadora ressignificou sua trajetória, não se sujeitando ao seu passado como um lugar de permanência, amargura e remorso, mas o deixou como uma lição, ou melhor, enunciação repleta de valores e sentidos importantes para as novas gerações.

Assim, os efeitos de sentido produzidos a partir da interação entre enunciador, leitor e seu contexto social fazem com que a leitura do enunciado, considerando os seus aspectos axiológicos, contribua significativamente para a sua compreensão integral, já que, a “*comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa relação com a situação concreta*” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 349, grifos do autor). Dessa forma, é por meio desse espaço de troca que se possibilita a construção da percepção dos valores sócio-históricos que cada elemento enunciativo carrega na composição semântica do enunciado.

Nos dois parágrafos finais da narrativa, a enunciativa relata “A ladeira, um lugar de angústia, sofrimento, lágrimas, quedas transformou-se numa rua asfaltada”. Essa afirmação dialoga diretamente com o penúltimo trecho da canção “Sonhando com a vida do asfalto”. Nesse sentido, estabelece-se uma ponte entre os enunciados que interagem a partir da retomada feita indiretamente pela enunciativa, em resposta ao que era apenas sonho e que se tornou realidade. Agora sua ladeira “transformou-se numa rua asfaltada” e cheia de movimento.

Essas percepções estão entrelaçadas “por mil fios ao contexto extraverbal do enunciado” (Volóchinov 2019 [1926], p.121). Assim, percebemos que os aspectos mobilizados pela enunciativa expressam seu domínio do gênero em decorrência de sua desenvoltura na sua construção semântica e estilística do enunciado (Bakhtin, 2016 [1979]), bem como a maneira pela qual buscou relacioná-lo com outros enunciados, que estabelecem como elo da compreensão discursiva (Volóchinov 2019 [1926]).

Nessa perspectiva, o desfecho da narrativa ocorre com a retomada ao título do enunciado, mas dessa vez a enunciativa explicita o pronome pessoal, “E lá vou eu, Maria, sem a lata d’água na cabeça”, para dar ênfase à pessoa do discurso agora se manifesta com sua marcação “eu”, o que acarreta um efeito de sentido (Bakhtin, 2016 [1979]) ao se reconhecer como reflexo e fruto da superação. Essa posição axiológica no final colore Maria como uma mulher que não apenas sonhou com uma vida diferente, mas como aquela que conquistou seu espaço e venceu cada etapa sofrida de sua existência, isto é, refratou e ressignificou sua trajetória.

As atribuições decorrentes do contato com o todo do enunciado possibilitam ao seu leitor o que a imersão na narrativa propõe: novas percepções e inferências que se constroem nesse percurso. Assim, com base na compreensão de que o enredo gira em torno da relação entre a lata d’água, a ladeira e seus valores emocionais nas memórias da infância de Maria, ao ler o título “Lata d’água na cabeça, lá vou, Maria”, e a expressão final da narrativa, “E lá vou eu, Maria, sem a lata d’água na cabeça”, conduz o leitor a uma interpretação de que a expressão “lá vou” transcende à noção de movimento, mas também induz ao sentido de lavar, isto é, “lavou-se” de seu passado sofrido e solitário, o qual foi ressignificado nas superações e conquistas ocorridas em sua vida adulta.

Essa compreensão surge com base no posicionamento axiológico tanto da enunciadora, quanto do seu leitor/interlocutor diante do enunciado. Neste sentido, este encontro de vozes e vivências de cronotopos que se diferem, mas dialogam entre si, refletem a linguagem como essência da sociedade e sua relação estreita com a vida cotidiana e suas constantes mudanças. Desse modo, esse ambiente discursivo-ideológico, ético e moral que os envolve são elementos constitutivos fundamentais da concepção dialógica, ao expandir o entendimento da comunicação como viva, multifacetada, valorada e responsiva e seu interlocutor como parte crucial para as construções que se elucidam dessa concepção.

Portanto, todo esse percurso analítico nos conduz à compreensão de que uma simples mudança pode implicar novos efeitos de sentido que são essenciais para composição do enunciado. Esses efeitos, por sua vez, são aspectos que surgem com base na consideração do enunciado de forma integral (Volóchinov 2019 [1926]; (Bakhtin, 2016 [1979]), ou seja, sua dimensão verbal e social (Acosta-Pereira, 2014). Somente dessa forma podemos exaurir o projeto discursivo de um enunciado, ao trazer abordagens valoradas que envolvem os participantes do discurso e suas contribuições sócio-históricas e ideológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consiste em um estudo teórico-analítico sobre o gênero discursivo memórias literárias, a partir do enunciado “Lata d’água na cabeça, lá vou, Maria”, de Evellyn Isabelle Lima Vale, aluna finalista da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa de 2019 Escrevendo o Futuro. A análise abordou os aspectos dialógicos da língua mobilizados a partir da imersão analítica do *corpus*.

Desse modo, ancorando-se aos pressupostos do Círculo de Bakhtin, a análise consolidou-se a partir da reflexão das dimensões social e verbal (Acosta-Pereira, 2014), em que se incluem, nesta última, os elementos constituintes do gênero discursivo – conteúdo temático, construção composicional e estilo – e teceu reflexões acerca de seus elementos axiológicos – extraverbal, juízo de valor e entonação –, destacando, sobretudo, a intenção discursiva da enunciadora e as relações dialógicas com o já-dito: a canção “Lata d’água” de Jota Júnior e Luís Antônio.

Nessa perspectiva, o conteúdo temático do gênero estabelece uma leitura contemporânea sobre as temáticas sociais abordadas, como solidão, trabalho escravo e superação de uma realidade complexa, o que ressalta sua relevância com recurso para o ensino emancipatório de língua no âmbito escolar. Tal aspecto também foi observado em sua construção composicional e seu cronotopo em diálogo reflexivo e essencial para a formação social de seu leitor-interlocutor. A mobilização dos discursos possibilita inferências e a expansão da consciência socioideológica, reconhecendo a linguagem como prática social histórica, cultural e identitária.

Além disso, o estilo do gênero possibilita que os enunciados memorialísticos reflitam a expressividade e alteridade de seus enunciadorees, apresentando os acontecimentos nas narrativas como resultado da escuta ativa do outro (pessoa mais velha). Essa abordagem não apenas valoriza o entrevistado como sujeito importante para as memórias coletivas, mas também, estabelece uma percepção que, por meio da leitura, permite refletir e refratar as realidades que se concretizam pela palavra do outro (enunciador) e pelos recursos estilísticos escolhidos responsivamente, para manifestar as vivências.

Para tanto, notamos o quanto os elementos constituintes do gênero que compõem essa *cadeia discursiva* resultam em produções de sentidos valorados para a sua compreensão integral. Assim, manifestam os conceitos axiológicos por meio das realidades narradas e suas implicâncias no contexto social, presentes no gênero memórias literárias. Esse diálogo proporciona a imbricação dos valores sociais e culturais de um cronotopo específico, ou seja, do passado que se entrelaça a palavra do presente.

Nesse sentido, podemos constatar, de forma sucinta, que o objetivo geral de refletir sobre os conceitos axiológicos de “extraverbal”, “entonação” e “juízo de valor” mobilizados no enunciado foi alcançado, sendo importante destacar a possibilidade de expansão da análise para a elaboração da proposta didática em perspectiva dialógica e posteriormente sua implementação no contexto escolar. Logo, no que tange aos objetivos específicos, evidenciamos os aspectos extraverbais do enunciado e sua relação com o cronotopo, considerando os julgamentos de valor manifestados no enunciado, a partir do posicionamento social e ideológico do autora-criadora e do grupo social ao qual pertence,

como também buscamos verificar a entonação valorativa definida pelo autora-criadora, para evidenciar o “*colorido expressivo*” no enunciado.

Com isso, durante a produção da análise, tornaram-se evidentes as contribuições do gênero discursivo memórias literárias, não apenas para o ensino reflexivo de língua, mas também para a vida como uma interação discursiva contínua e dialógica por excelência, pelo exercício de se enxergar no outro, considerando os princípios éticos, morais, históricos e ideológicos que envolvem o viver em coletividade. Dessa forma, constatamos que suas atribuições também se sobrepõem ao pensamento inato e passivo sobre prática social e educacional, mas impulsiona seus interlocutores à posição de alteridade no uso da linguagem ao se enxergarem como protagonistas de seus discursos, nos diversos campos de atividade humana, multifacetados.

No que se refere ao percurso de produção deste trabalho, uma das problemáticas mais desafiadoras a serem enfrentadas foi o curto espaço de tempo disponível para a sua construção. Dentre os desafios, podemos ressaltar a readaptação da proposta inicial, que constituía a análise e a elaboração da sequência de atividades com base na concepção dialógica de linguagem. No entanto, devido ao curto prazo, mudamos para estudo teórico-analítico do enunciado em perspectiva dialógica.

Diante disso, salientamos que, no âmbito dos Projetos de Pesquisa a que este trabalho está vinculado, elaboraremos uma sequência de atividades de leitura em perspectiva dialógica, a partir da análise aqui discutida, e posteriormente realizaremos a implementação da proposta didática em sala de aula. Logo, salientamos que esta análise abre espaço para interação e diálogo com seus interlocutores, permitindo novas inferências e compreensões a partir do já-dito, que decorre da compreensão de não haver uma última palavra, muito menos um enunciado fechado, mas em constante transformação diante das diversas possibilidades de explorar os enunciados e seus elementos axiológicos: extraverbais, tons avaliativos e juízos de valor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2013.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, Valentin N. A interação verbal. *In*: BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel La hud e Yara Franteschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BELOTI, A.; HILA, C. V. D.; RITTER, L. C. B.; FERRAGINI, N. L. O. de. Conceito de valoração em perspectiva enunciativo-discursiva: proposta teórico-metodológica para a prática de leitura. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA-PEREIRA, R.; COSTA- HÜBES, T. da C. **Estudos dialógicos da linguagem**: reflexões teórico-metodológicas. Campinas, Pontes, 2020, p. 187-212.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, Araraquara, v. 56, n. 2., 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CLARA, R. A.; ALTENFELDER, A. H.; ALMEIDA, N. **Se bem lembro...**: caderno do professor: orientação para a produção de textos. 4. ed. São Paulo: Cenpec (Coleção da Olimpíada), 2014.

CUNHA, R. C.; OHUSCHI, M. C. G. O extraverbal no gênero Charge. *In*: ZUIN, P. B. (Org.) **Práticas de letramentos e leituras de mundo**: diálogos a partir de leitura da palavra e experiências de mundo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p.33- 52.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DE PAULA, L.; CASTRO. Gêneros discursivos na escola: acontecimento emancipatório de leitura. **Revista Educação e Linguagens**. V. 9, n. 1, 2020, p. 17-52.

DISTANTE, Carmelo. **Memória e Identidade**. Tempo Brasileiro (95). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

ERDEI, L. D. de S.; BOENO, N. de S.; PADILHA, S. de J. Cadernos Pedagógicos “Poetas da Escola” e “Se bem me lembro...” no Programa Olimpíada de Língua Portuguesa: gêneros, memória, estética. **Eutomia**, Recife, v.1, n.11. 2013

FARACO, C. A. Bakhtin e filosofia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.12, n.2. 2017.

GERALDI, J. W. **A Aula como Acontecimento**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

LIRA, A. F. Considerações sobre análise de gêneros do discurso a partir de seu cronotopo. *In*: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 191- 208.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, E. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar. **Cadernos Cenpec**. v.2. n 1, São Paulo, 2012. p. 47-73.

MARCUSCHI, E. como escrever as memórias do outro, revelando toda sua singularidade? *In*: RANGEL, E. de O. (Org.). **Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: O que nos dizem os textos dos alunos?** São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec, 2011.

MENEGASSI, R. J.; ANGELO, C. M. P.; MENDES-POLATO, A. D.; GASPAROTTO, D. M. A leitura dialógica de fábulas. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA-PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, Pontes, 2020, p. 187-212.

MENEGASSI, R. J.; CAVALCANTI, R. S. M. Conceitos axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. *SP: Alfa*, 57 (2), 2013. p. 433-449.

MENEGASSI, R. J.; OHUSCHI, M. C. G. Prática de Análise Linguística no trabalho com o pronome no ensino de língua materna. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n (62.3), 2023.

MENEGASSI, R. J.; CAVALCANTI, R. S. M. Conceitos axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. *In*: FUZA, A. F. OHUSCHI, M. C. G; MENEGASSI, R. J. (Org.) **Interação e escrita no ensino de língua**. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 99-117.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOURA, I. M.; MIOTELLO, V. A escuta da palavra alheia. *In*: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 129-140.

OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. **Proposta de atividades de análise linguística nos cadernos “Poetas da escola” e “Se bem me lembro” da Olimpíada de Língua Portuguesa. 2019**. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral em Letras (Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, 2014.

PISTORI, M. H. C. Retórica, argumentação e análise dialógica do discurso. **Alfa**, São Paulo, v.63, n.2, 2019.

POLATO, A. D; MENEGASSI, R. J; OHUSCHI, M. C. G. Análise Linguística em Charge: Sequência de Atividades Dialógicas. **Línguas & Letras**, Cascavel, v.21, n.49, 2020.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. **Bakhtiniana** - Revista de Estudos do Discurso, v. 12, p. 123-143, 2017.

SERCUNDES, M. M. I. Ensinando a escrever. *In*: GERALDI, J.W.; CITELLI, B. (Org.) **Aprender e ensinar com textos dos alunos**. v. 1. São Paulo: Cortez, 1997, p. 75-97.

SEVERIANO, A. P.; ALTENFELDER, A. H.; ALMEIDA, N.; CLARA, R. A. **Se bem me lembro...** caderno do docente: orientações para produção de textos do gênero memórias literárias. 7ª ed. São Paulo: Cenpec (Coleção da Olimpíada), 2021.

SILVA, I.C. **O desenvolvimento do conhecimento leitor do aluno do 8º ano**: um trabalho com textos de memórias literárias contadas por moradores antigos de Castanhal. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Universidade Federal do Pará, Belém.

SOARES, E.; RUIZ, T. **Na ponta do Lápis**: histórias de pertencimento. São Paulo: Agwm Editora e Produções Editoriais, Ano XVI, n.34, 2020.

SOBRAL, A. U.; GIACOMELLI, K. Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem. *In*: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 141-162.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLOCHÍNOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de: GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V. São Paulo: Editora 34, 2019[1926].

VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e Outros Ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tornar real o que era apenas um sonho. Por ter me sustentado nos dias difíceis e nos momentos em que a insegurança e o medo tentaram embaçar minha visão futura. Por ser minha luz, meu abrigo e meu maior tesouro.

Minha total gratidão ao meu querido e amado pai, Armando do Nascimento Pereira, e à minha extraordinária e maravilhosa mãe, Sandra Maria de Brito Pereira, por serem meus maiores incentivadores e apoiadores nesse processo, em todos os aspectos!

Aos meus irmãos Armando Pereira, Áquila Pereira, Amanda Carolyne e Dayvison Renato, por todo auxílio e pela torcida por essa conquista que é nossa!

Ao meu amigo e amor, Eddie Arley, pelo total apoio e incentivo.

Aos meus familiares, tios e tias, primos e primas, que torceram e me ajudaram. Em especial à minha prima, Maely Oliveira, por ter sido tão parceira e amiga durante minha trajetória acadêmica, como também à minha prima, Ábia Brito, tia Alessandra e a toda sua família, pela acolhida fraterna durante os primeiros semestres.

Aos meus amigos, amigas e aos irmãos em Cristo pelas orações e por sempre estarem na torcida por esse momento.

Agradeço aos meus amigos e colegas de turma pelos cinco anos de curso e pelos laços de amizade que construímos durante esse percurso. Ao meu amigo Eduardo Molica, aos seus pais Luciana e Wilson e à sua avó Rossilda, pelo cuidado e pelo acolhimento em sua residência durante a reta final do curso.

Meus agradecimentos aos meus professores, em especial à minha querida e excepcional orientadora, Prof.^a Márcia Ohuschi, pelo amor, cuidado e dedicação durante todo esse processo. Sou grata por acreditar e me conduzir com tanto zelo e atenção. Por me fazer perceber a beleza do fazer docente na prática, como também as dificuldades que envolvem a profissão. És uma inspiração!

Por fim, agradeço a mim por ter escolhido esse curso e por seguir até o final deste ciclo, lindo, desafiador e especial!